

Relatório Histórico Artístico

MARCO FONTANÁRIO SITO NO

LARGO DA SÉ VELHA

Marco Fontanário do Largo da Sé Velha Coimbra

O Largo da Sé Velha

A Alta tem sido geralmente delimitada a partir das antigas muralhas, sobranceiras ao castelo medieval¹, que defendiam a zona alta da cidade e das quais já quase não restam vestígios.

As muralhas, hoje praticamente absorvidas pelo tecido urbano, vieram a constituir, a partir da Baixa Idade Média, - com a criação de núcleos de povoamento no seu exterior – a fronteira entre duas zonas claramente distintas: a Almedina e o Arrabalde, ou como se tornou actualmente mais usual, a Alta e a Baixa.

A feição urbanística da Alta remonta à Idade Média. António Nogueira Gonçalves supõe que foi no momento em que as muralhas foram edificadas, provavelmente a seguir à tomada de Coimbra em 1064.

As destruições provocadas pelas constantes invasões fizeram desaparecer o arruado romano e o morro tinha voltado ao seu estado primitivo; terá sido portanto nos séculos posteriores que a Alta se formou em termos urbanísticos.

A cidade medieval desenvolveu-se a partir de três das cinco portas que lhe davam acesso: a do Castelo (situada a nascente); a de Almedina (a poente, na confluência com o arrabalde, a mais importante pois situava-se no ponto baixo do caminho natural de acesso ao morro) e a de Belcouce (mais para sul, no local, onde a partir de 1715 se construiu o Colégio da Estrela).

As ruas que atravessavam as muralhas nestas três portas confluíam para o Largo da Sé Velha, apresentando-se como eixos fundamentais de circulação. Este espaço actuou como um dos elementos estruturantes na genética do plano urbano de Almedina.

Ao olharmos, ainda hoje, para o mapa da Cidade de Coimbra, saltam logo à vista os contornos do Largo da Sé Velha e das ruas anexas, à semelhança de um lago onde desaguassem vários rios, com bastantes afluentes.

Não atingindo as proporções dos largos das grandes cidades europeias, o Largo da Sé Velha é de dimensões acanhadas e de traçado irregular. Localizado na zona mais velha da cidade, conserva ainda o seu aspecto medieval, com ruas e becos tortuosos.

¹ As reformas pelo Marquês de Pombal (Séc. XVIII) levaram ao desaparecimento do castelo, à criação do Jardim Botânico e à praça que hoje tem o seu nome, em terrenos e edifícios da Companhia de Jesus.

O Largo da Sé Velha é um dos mais interessantes troços de Almedina. Aqui existiu uma primeira catedral visigótica, sobre a qual foi erguida a mesquita-aljama², em 713, recuperada depois da reconquista cristã definitiva, em 1064, para a Sé com nova edificação no início do século XII.

O sítio onde hoje podemos apreciar a Sé Velha congregava, no século XII, um conjunto de particularidades que, do ponto de vista urbanístico, o tornava apto à implantação do templo episcopal, entre estas podemos apontar a centralidade geográfica, em ligação directa com as portas da cidade e a possibilidade de abastecimento de água. O local da Catedral



Ilustração 1 - Largo da Sé Velha - Vista Aérea

localiza-se numa posição intermédia entre a Porta de Almedina (porta principal da cidade) e a Alcáçova, localizada no cimo da “Acrópole” onde a cidade se implantava³.



Ilustração 2 - Largo da Sé Velha - Vista Aérea

Com a construção da Catedral, o largo ganhou ainda mais importância e as construções valorizaram-se, aumentando em altura (Na época medieval as casas teriam, no máximo, dois pisos. Com o tempo, e dada a falta de espaço para erguer novas edificações dentro das muralhas, e tendo em conta o “status” dos residentes desta área, as casas “cresceram” em altura, construindo-se andares normalmente recuados de construção mais ligeira, o que é ainda hoje se pode observar em muitos dos imóveis da velha Alta coimbrã). Aqui funcionou a Casa da Câmara, bem como o Pelourinho da cidade.

² Pedro Dias, Coimbra, guia para uma visita, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002, p.72.

³ Pato Macedo, Sé Velha – Culto e Cultura, Página 43.

Desta forma, a meio da encosta que sobe para o Castelo encontra-se o Largo da Sé Velha. A vetusta Catedral impôs-se de tal modo na toponímia, que a designação de Sé velha ampliou-se e passou a designar um bairro da cidade (conservou a mesma denominação desde tempos remotos, com alteração apenas de Adro ou Patim, para Terreiro ou Largo).

A Sé Velha foi um local de cruzamento de importantes vias de comunicação, o que se justifica por à sua volta ter havido uma intensa vida comercial e lá se terem realizado, durante algum tempo, as actividades municipais da cidade. Existia aqui, no início da vida cidadina, uma intensa actividade da população o que ainda hoje é notória. A nível de relevo, esta zona não era muito propícia a determinadas actividades contudo, este era o centro da cidade fortificada e aí os primeiros núcleos da população desenvolveram o primeiro comércio e indústria.

À medida que a cidade se foi ampliando, algumas actividades cidadinas procuraram novos locais, perdendo este Largo alguma da sua importância. Mas a ligação entre a Baixa e a Alta continua a fazer-se passando pela Sé Velha, através da ladeira que trepa até à Universidade quase em linha recta⁴.

O primitivo Adro da Sé Velha (antecessor do actual largo), compreendia o espaço que separava o edifício das casas que lhe ficavam em volta e que ainda no século XV se adiantavam consideravelmente principalmente na parte poente da fachada principal da igreja. As grandes alterações do Largo, que modificaram por completo o seu aspecto, ocorreram nos finais do século XV, quando o Bispo D. Jorge de Almeida procedeu à construção de um adro fronteiro à entrada da igreja, ampliando um estrito passadiço que fazia a serventia desta para o princípio da actual Rua da Ilha. Em frente ao passadiço situava-se a “Casa da Cidade” e outros pertences do Cabido.



⁴ A instalação da Universidade onde outrora funcionara o Paço Real veio aumentar o tráfego, com a passagem de professores e estudantes pelas várias ruas. Hoje em dia, esse tráfego é também visível com a presença de inúmeros turistas que vagueiam pelo Centro Histórico da Cidade de Coimbra.

Para se ir da Catedral para a antiga Igreja de S. Cristóvão (localizada sob os escombros da ruína do antigo Teatro Sousa Bastos) utilizava-se uma passagem por trás da Casa da Câmara, pelo Beco da Carqueja (e não pela actual Rua Joaquim António e Aguiar). A primitiva instituição camarária quase encostava à fachada poente da igreja, deixando de intervalo apenas a curta distância de 1,70m. Por escavações feitas em 1933, foram encontrados restos de paredes, algumas de origem romana, mas, infelizmente, não se consegue saber o tamanho que teria tal edifício. Sabe-se apenas que aí se situavam os Paços do Concelho na Idade Média, por um documento de 1335, informando-nos que nessa altura ainda se faziam “concelhos de Alvazis”⁵.

No século XVI passaram a realizar-se vereações na Casa do Arco de Almedina (Torre da Relação – designação pelo qual ficou conhecido o edifício num Documento de 13866). Entre 1335 e 1386 houve a passagem da Casa da Câmara da Sé para Almedina.

Junto à “*Domus Municipalis*” primitiva realizavam-se as audiências dos magistrados judiciais da cidade. Quando a Casa da Câmara passou para o Paço dos Tabeliães, (na Praça do Comércio), estas audiências mudaram-se para o edifício em Almedina. Esta passagem não terá sido anterior a 1434. É de presumir que tivesse havido uma acumulação de serviços na pequena casa de Almedina com a criação dos novos órgãos administrativos e judiciais e, por isso, se procurassem novos espaços.

Na Casa da Câmara da Sé Velha esteve guardada a Charola que incorporava a Procissão do Corpo de Deus. Depois desta casa ser transferida para o Bispo D. Jorge de Almeida (escritura de 29 Julho de 1498⁷), a Charola foi guardada na Rua dos Coutinhos, em casa do Dr. António Homem, e o Pelourinho (símbolo de jurisdição e autoridade) mudou-se para a Praça do Comércio.

Quanto às vereações, que já há muito se realizavam na casa de Almedina, não eram directamente prejudicados pela aquisição do imóvel por parte do Bispo. Mas para resolver o caso das audiências que aí se realizavam, estabeleceu-se um contrato em que o Bispo cederia uma outra casa «que está outrossim junto do dito adro da mesma Sé para em ela poderem fazer outra casa para a dita audiência e lhe darem dinheiro para fazimento dela»⁸. Mas, as audiências deixaram de se aí realizar, sendo transferidas para a parte Baixa da cidade.

Depois de adquirida a “Casa das Audiências”, e outras que lhe ficavam anexas, procedeu-se à construção o adro em frente à porta principal da Igreja, com um muro de suporte sobre o pavimento do terreiro e duas entradas nos seus pontos extremos. Nos finais do século XVI o Bispo D. Afonso

⁵ Cf. António Correia, *Toponímia Coimbrã*, Volume I, Coimbra 1945, pág. 24

⁶ Cf. António Correia, *Ob. Cit.*, pág. 24

⁷ Cf. António Correia, *Ob. Cit.*, pág. 26

⁸ Cf. António de Vasconcelos, *A Sé Velha de Coimbra*, Vol. I, pág. 191

Castelo Branco mandou ampliar este adro e construir uma escadaria que lhe dava acesso pelo lado poente, demolida em 1775 por ordem de D. Francisco de Lemos, reitor da Universidade e Bispo de Coimbra. De então para cá, sofreu o Largo da Sé Velha outras modificações, procurando-se dar ao edifício o aspecto primitivo.

Quando das obras de ampliação do adro de D. Afonso Castelo Branco, mandou este que se modificasse o Chafariz junto da Sé Velha⁹, e que se colocassem, como decoração, as suas armas e as do Bispo D. Jorge de Almeida.

No segundo quartel do século XIX, fez-se o alteamento do Largo. Nas sessões camarárias de 15 e 19 de Dezembro de 1873 resolveu-se pagar algumas indemnizações a proprietários de prédios que tiveram prejuízos com as obras realizadas.

Actualmente, o Largo da Sé Velha é ladeado por casas com fachadas de certo aparato e de épocas diversas, como a sua dignidade exigia, mas mal despertam a atenção, pois o que se impõem ao recinto é o vetusto monumento.

As Fontes da Sé



Ilustração 4 - Aguadeiras da Sé

O abastecimento da água sempre foi uma preocupação para as populações. Até finais do século passado, muita da população na Alta de Coimbra, ainda se abastecia da água das fontes, pois a maior parte das casas antigas não tinha água canalizada.

No século XVI é construído um Chafariz no adro da igreja, junto ao ângulo noroeste, onde anteriormente existia um depósito provisório de águas. Assim, em 1573/74, o depósito é transformado num chafariz de uma só bica, em cumprimento da ordenação em carta régia de 7 de Maio de 1573, de El-Rei D. Sebastião.

Sete anos passados, e tendo em conta a afluência de população à bica, o Chafariz da Sé Velha foi beneficiado, passando a dispor de duas bicas. O Chafariz era ladeado por dois brasões, que homenageavam os Bispos D. Jorge de Almeida e D. Afonso Castelo-Branco. A colocação destes

passa no Castelo, e onde se repartem as águas para o Chafariz da Feira dos Estudantes, para o Convento de S. Jerónimo, e para o Colégio dos Militares, a torneira que regulava a água destinada para o dito Convento de São Jerónimo, apareceu sem chave, deixando por isso correr grande porção de água que, sendo demasiada para o consumo do Hospital ali colocado, a ponto de servir também para rega da cerca como é público e notório, faltava no depósito do Chafariz da Feira, a qual abastece o Chafariz da Sé Velha, o Paço do Bispo, o Hospital da Conceição e a Botica, e o Colégio da Sapiência, sendo o Chafariz e o Paço do Bispo durante o dia, e os mais durante a noite”¹¹.

Os problemas com o abastecimento da água começavam. Durante anos, o próprio Regedor da Sé Velha apresenta várias queixas sobre a falta de água no Chafariz, bem como o mau estado de conservação em que este se encontrava.

Devido às várias queixas apresentadas pelo mau estado de conservação do chafariz, surgindo a necessidade de ampliação do depósito que abastecia a fonte e aproveitando o facto de que a rua teria que ser alargada (quase para o dobro), a 18 de Abril de 1863 as plantas de obras para o chafariz



Ilustração 6 – Fonte de uma bica

são aprovadas, bem como para os chafarizes da Feira (actual Largo da Sé Nova) e da Praça (actual Praça do Comércio)

As obras são morosas: em Maio de 1863 dá-se a empreitada para o trabalho de cantaria dos chafarizes, e em Janeiro de 1864 deliberou a Câmara mandar concluir as obras dos chafarizes da Feira e da Sé Velha, por serem de grande necessidade e urgência

para o povo. O chafariz foi recuando, voltou a ter apenas uma bica.

Nesta nova estrutura, não havia lugar para os brasões dos Bispos D. Jorge de Almeida e D. Afonso Castelo-Branco. Para que estes não se perdessem, como tanto outro património da cidade, os mesmos foram retirados e removidos para o Museu da Arqueologia da Universidade, sendo posteriormente colocados à guarda do Museu Nacional Machado de Castro.

Marco Fontanário

Mas a situação estabiliza apenas por poucos anos. Após uma limpeza dos tanques e fontes da cidade, o Governador Civil recomenda, em 1895, a bem da saúde, a colocação de marcos fontanários

¹¹ In Anais do Município – 1840-1869, pág. 308.

nos Largos da Sé Nova e Sé Velha e a inspeção à canalização das águas das fontes no Largo da Feira e Jardim Botânico.

Nesse Verão, a Junta da Saúde manda proibir para uso interno as águas dos chafarizes da Sé Nova e Sé Velha e da Praça do Comércio, por estarem inquinadas pelo *bacillus colli communis*, segundo o relatório do Dr. Luis Pereira da Costa e Charles Lepierre, e em 1899 a Câmara proíbe a lavagem de roupa nas fontes de abastecimento de água¹².

Para que os riscos de contaminação à população através da água das fontes não voltasse a acontecer, a 5 de Maio de 1905, a Câmara aprova a seguinte proposta¹³ do Senhor Presidente, que rapidamente se põe em prática “*Atendendo a que quando da análise microbiológica das águas, Charles Lepierre e Nogueira Lobo consideram conveniente que se procedesse duma maneira metódica e permanente ao exame bacteriológico da água canalizada, devendo organizar-se um serviço regular de fiscalização da água nos seguintes termos:*

1º No princípio e meado de cada mês, serão tiradas amostras de águas dos reservatórios e enviadas no Laboratório Microbiológico;

2º O Laboratório de Microbiologia procederá à análise destas amostras, enviando o respectivo boletim ao presidente da Câmara, de modo a se poder acudir desde logo a qualquer contaminação accidental ou defeito no funcionamento regular dos filtros.

3º O pagamento deste serviço far-se-á por análise, na razão que for estabelecida por acordo entre o Director do Laboratório de Microbiologia e o Presidente da Câmara.

Durante anos a água tornou-se potável, sendo estes chafarizes a fonte de abastecimento de muitas famílias coimbrãs, surgindo apenas em 1911 a informação de que a utilização da água seria um perigo para a saúde pública, sendo que o Laboratório de Microbiologia da Universidade comunicou que, além das habituais análises às águas da cidade, passará também a determinar o chamado título termófilo

Em 1934 inicia-se o desmonte da muralha que circunda a Igreja da Sé Velha. O então Presidente da Junta de Freguesia de Almedina comunica à Câmara, em Janeiro desse ano, que os Monumentos Nacionais estão a proceder à referida demolição. Assim, e tendo em conta que a fonte em pedra irá desaparecer, solicita para que esta seja montada num outro local do Largo, tendo em conta a importância para o abastecimento e dia a dia da população. Caso não fosse possível esta

¹² In Anais do Município – 1890-1903, pág. 175.

¹³ In Anais do Município – 1904-1919, pág.º 37 e 38.

mudança, poderia colocar-se em sua substituição um marco fontanário, semelhante àqueles que são colocados noutros locais da cidade¹⁴.

Tendo sido encomendado à Fundação Alba (Albergaria-a-Velha) alguns marcos fontanários para a cidade, um deles foi instalado no Largo da Sé Velha. Diferente de todos os outros, o marco fontanário inclui também um candeeiro, o que o torna uma peça impar na cidade. O Presidente da Junta de Almedina agradeceu à Câmara, em Agosto de 1934, a colocação do marco fontanário no Largo da Sé Velha, que veio substituir a velha fonte de pedra.

Este marco fontanário funcionou até à década de 80 do século passado. Por essa altura, a Câmara Municipal, ignorando as necessidades da população desta zona, desviou a água que abastecia esta fonte e dirigiu-a para um pequeno lago que iria ser inaugurado no Largo da Manutenção Militar. A população reagiu negativamente, pois muitas habitações não tinham, ainda água canalizada. Para colmatar esta situação, a



Ilustração 7 – Marco Fontanário

Câmara Municipal inaugura umas casas de banho públicas nas Escadas de Quebra-Costas, cuja gerência é entregue à Junta de Freguesia de Almedina, continuando assim a servir a população a nível de abastecimento da água.

No futuro...

Desde a década de 80 até ao ano de 2006 o marco fontanário permaneceu no Largo da Sé velha, continuando a funcionar apenas o seu candeeiro. Esporadicamente, sempre que decorria uma actividade no Largo da Sé Velha que a isso o obrigasse, a parte do fontanário era activada, como por exemplo acontecia na Feira Medieval.

No dia 23 de Janeiro de 2006, um grupo de moradores da Alta de Coimbra apresentou queixa no Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra (GCH), relativamente a um acidente que tinha ocorrido no Largo da Sé Velha: Na noite de 6^a para Sábado (de 20 para 21 de Janeiro de 2006) um automóvel colidiu com o Fontanário da Sé Velha e partiu-o, tendo o mesmo ficado em duas peças; Na noite de Sábado para Domingo (de 21 para 22 de Janeiro de 2006) alguém

¹⁴ In Anais do Município – 1920-1939, pág. 381.



levou a parte de cima do Fontanário, parte esta encimada por um óculo de vidro, tendo deixado no Largo, deitado, o que restava do Fontanário.

O Gabinete para o centro Histórico apresentou queixa contra desconhecidos na PSP, tendo a mesma queixa sido arquivada uns meses mais tarde pela Polícia Judiciária, por não se conseguirem apurar culpados. Para que a restante peça não desaparecesse, a mesma foi recolhida nos Armazéns da CMC.

A população não desistiu de voltar a ver esta peça no Largo da Sé Velha. Após alguns abaixo-assinados, e do contacto directo com os responsáveis pela cidade, ficou a promessa de o marco fontanário voltar ao Largo da Sé Velha antes do Natal de 2011.



Ilustração 8 – Marco Fontanário – parte recolhida pela CMC pós acidente

Elaborado por:

Luisa Maria Silva

Historiadora de Arte - GCH/CMC

Dezembro de 2011

BIBLIOGRAFIA:

- Anais do Município de Coimbra, 1640-1668.
- Anais do Município de Coimbra, 1840-1869.
- Anais do Município de Coimbra, 1870-1889.
- Anais do Município de Coimbra, 1890-1903.
- Anais do Município de Coimbra, 1904-1919.
- Anais do Município de Coimbra, 1920-1939.
- Anais do Município de Coimbra, 1940-1959.
- ANACLETO, Regina (Direc.), História da Arte em Portugal, Vol. 10, Edições Alfa, Lisboa,
- BORGES, Nelson Correia, Coimbra e Região, Edições Presença, Lisboa, 1987.
- CORREIA, A., "Toponímia Coimbrã", Vol. I e II, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1945.
- CORREIA, V. e GONÇALVES, António Nogueira, Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947.
- DIAS, Pedro, Coimbra Arte e História, 2ª. Ed. Coimbra, Instituto de História de Arte – F.L.U.C., 1988.
- DIAS, Pedro, Coimbra. Guia para uma visita, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002.
- FIGUEIREDO, A. C. Borges de, Coimbra Antiga e Moderna, Edição Fac-Similada de 1996, Almedina, 1886.
- LOUREIRO, J. Pinto, Toponímia de Coimbra, Volume II, Edição da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 1964.
- *MACEDO, Francisco Pato, A Sé Velha de Coimbra: Do Românico ao Gótico, in A Sé Velha de Coimbra – Culto e Cultura, Actas do Ciclo de Conferências 2003 na Catedral de Santa Maria de Coimbra, Ed. Câmara Municipal de Coimbra, 2005.
- MANTAS, G.V., Notas sobre a Estrutura Urbana de Aeminium, Vol.LXVIII Coimbra, Biblos, 1992.
- MARGARIDO, Ana Paula, A Morfologia Urbana da Alta de Coimbra-Ensaio sobre o traçado da malha e sua evolução, Coimbra, Cadernos de Geografia nº6, 1987.
- PEREIRA, Paulo (Direc.), História da Arte Portuguesa, Vol. III, Edição do Circulo de Leitores, Lisboa, 1995.
- SILVA, C., A Almedina de Coimbra. A Alta de Coimbra, História-Arte-Tradição, Actas, Coimbra, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC), 1988.